

**Entre as Fronteiras da Solidariedade e da Mercantilização: Trajetórias  
Institucionais da Internacionalização em uma Universidade Pública Brasileira**

**Between the Borders of Solidarity and Commodification: Institutional Trajectories  
of Internationalization in a Brazilian Public University**

Alcides Fernando Gussi<sup>1</sup>

Márcia Monalisa de Moraes Sousa Garcia<sup>2</sup>

**Resumo**

A fim de investigar a relação entre instituições, políticas e atores, este artigo adentra em disputas de sentidos existentes em torno da concepção da internacionalização da educação superior, buscando compreender como gestores universitários pensam a internacionalização em uma universidade pública, a Universidade Federal do Ceará (UFC). Com o objetivo de analisar como esses gestores compreendem a internacionalização do ensino superior, apresentamos: a) contextualização sobre o processo de institucionalização da política de internacionalização na Universidade Federal do Ceará; b) suas concepções de internacionalização e percepções sobre a internacionalização da UFC. Para tanto, amparamo-nos na noção de trajetória institucional proposta por Gussi (2008). Metodologicamente, por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizaram-se análises documentais e entrevistas semiestruturadas com 17 gestores universitários de diferentes níveis hierárquicos e de distintas áreas do conhecimento. Os

<sup>1</sup> Universidad Federal de Ceará (UFC) - Fortaleza – CE – Brasil. Enlace ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5510-5286>. Correo electrónico: [alcidesfernandogussi@gmail.com](mailto:alcidesfernandogussi@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidad Federal de Ceará (UFC) - Fortaleza – CE – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5799-733X>. Correo electrónico: [marciamonalisa@yahoo.com.br](mailto:marciamonalisa@yahoo.com.br)

resultados da pesquisa mostram que a ideia da internacionalização é ressignificada pelos gestores, no contexto institucional, delineando distintas trajetórias de internacionalização na UFC, desvelando um campo de disputas de sentidos que coloca a internacionalização entre as fronteiras da solidariedade e da lógica mercantil.

**Palavras-chave:** Educação Superior, Políticas Públicas; Internacionalização, Trajetória Institucional.

### **Abstract**

To investigate the relationship between institutions, policies, and actors, this article delves into the disputes over the meanings surrounding the conception of the internationalization of higher education. It aims to understand how university administrators perceive internationalization at a public university, the Federal University of Ceará (UFC). To analyze how these administrators understand the internationalization of higher education, we present: a) the contextualization of the institutionalization process of the internationalization policy at the Federal University of Ceará; b) their conceptions of internationalization and perceptions about the internationalization of UFC. This is supported by the notion of institutional trajectory proposed by Gussi (2008). Methodologically, through a qualitative research approach, documentary analyses and semi-structured interviews were conducted with 17 university administrators from different hierarchical levels and various fields of knowledge. The research results show that the idea of internationalization is reinterpreted by the administrators within the institutional context, outlining different trajectories of internationalization at UFC, revealing a

field of disputes over meanings that places internationalization between the borders of solidarity and the commercial logic.

**Keywords:** Higher Education, Public Policies, Internationalization, Institutional Trajectory.

### **Introdução**

Com a finalidade de investigar a relação entre instituições, políticas públicas e atores institucionais, este artigo adentra em um campo de disputas de sentidos existentes em torno da ideia da internacionalização da educação superior, buscando compreender como múltiplos gestores institucionais, em diferentes níveis hierárquicos e de distintas áreas do conhecimento, compreendem a internacionalização em uma universidade pública, a Universidade Federal do Ceará (UFC), localizada na região Nordeste do Brasil<sup>3</sup>.

Como pressuposto, partimos da ideia de que há no campo das representações e práticas dos atores institucionais concepções distintas de internacionalização: uma voltada para a cooperação mútua entre as instituições de ensino, nos moldes sugeridos pela Unesco, que entende a educação superior como um bem público (Unesco, 1998); e outra, voltada para a formação de recursos humanos para atender ao mercado de trabalho global, como propõe a Organização Mundial do Comércio (OMC), sujeita, portanto, à lógica do mercado (WTO, 1998).

Essas concepções distintas revelam a disputa de interesses existente no âmbito da educação superior que impõe um valor muito tênue sobre a educação ora como bem social ora

---

<sup>3</sup> Este artigo consiste em uma parte de minha dissertação intitulada “Trajetórias da Internacionalização na Universidade Pública: avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras à luz da experiência da Universidade Federal do Ceará”, que dentre seus objetivos, teve como finalidade compreender a concepção de internacionalização de gestores universitários responsáveis por colocar a política de internacionalização em prática (Garcia, 2020).

como mercadoria, e que, por conseguinte, resultam na dualidade de significados atribuídos à internacionalização, colocando-a na fronteira entre a solidariedade mútua entre as instituições de ensino e a mercantilização.

Diante dessa dualidade, questionamo-nos: como gestores universitários da Universidade Federal do Ceará compreendem a internacionalização da educação superior? Quais sentidos e significados eles atribuem à internacionalização? Qual a percepção desses gestores sobre o processo de internacionalização da Universidade?

A partir dessas questões, este artigo tem como objetivo analisar como gestores universitários da Universidade Federal do Ceará (UFC) compreendem a internacionalização da educação superior com o intuito de delinear as trajetórias da internacionalização nessa Universidade. Para tanto, apresentamos: a) uma contextualização sobre o processo de institucionalização da política de internacionalização na Universidade Federal do Ceará b) a concepção de internacionalização dos gestores universitários; c) a percepção sobre o processo de internacionalização da UFC.

Discutir as concepções que circunscrevem a internacionalização da universidade, conhecer em que princípios ela está alicerçada, torna-se relevante para fundamentar as políticas institucionais, principalmente na atual conjuntura em que a temática tem ganhado centralidade no âmbito acadêmico, considerada a quarta missão do ensino superior, depois do ensino, da pesquisa e da extensão (Santos; Almeida Filho, 2012).

Nesse sentido, além de problematizar a internacionalização da educação superior, este artigo contribui para o avanço da discussão sobre a temática e oferece subsídios para se pensar sobre os caminhos que as ações de internacionalização têm tomado dentro das universidades, em especial no *locus* institucional desta pesquisa, a Universidade Federal do Ceará (UFC).

O artigo está organizado em cinco partes, sendo a primeira esta introdução. A segunda parte apresenta as concepções de internacionalização dos organismos internacionais, especificamente, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (Unesco) e da Organização Mundial do Comércio (OMC). A terceira parte apresenta os resultados, contextualizando como se deu a institucionalização da política de internacionalização na Universidade e apresentando as concepções e percepções dos gestores universitários sobre a internacionalização da UFC. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

## **1. A Internacionalização entre as Fronteiras da Solidariedade e da Mercantilização da Educação Superior**

A educação superior na América Latina tem passado por uma série de reformas estruturantes, decorrentes da globalização econômica e da adoção de uma agenda neoliberal, sobretudo a partir da década de 1990. Nesse processo, a dimensão internacional das universidades, que antes, de acordo com Barbosa e Neves (2020), baseava-se em ações e experiências internacionais restritas a iniciativas individuais de docentes e pesquisadores, passou a ser considerada um pilar estratégico da gestão universitária, ganhando novos sentidos e

trajetórias, sendo marcada no entendimento de Wit (2013), por concepções contraditórias e conflitantes.

Essas concepções conflitantes são atribuídas às múltiplas interpretações sobre o conceito de internacionalização, cujo debate ainda é hegemônico dentre autores do Norte global, como Knight (2004), precursora dos estudos em internacionalização, Wit (2015), Altbach (2009), Hudzik (2011), dentre outros.

Entretanto, nos últimos anos, tem sido construída, no Sul global, uma outra perspectiva de internacionalização, mais crítica e autônoma, a partir dos estudos de autores como Leal (2020), Korsunsky (2019), Abba (2018), Oregioni (2017), Perrota (2016), Leite y Genro (2012), dentre outros pesquisadores, que propõem uma internacionalização distanciada da lógica mercantil e que promova uma maior integração dos Estados, povos e culturas dos países do Sul a fim de diminuir as desigualdades sociais.

Apesar dos crescentes estudos sobre a internacionalização na América Latina, essas políticas têm sido orientadas, principalmente, pelos organismos internacionais e mesmo entre essas instituições, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), o Banco Mundial (BM), a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), encontram-se tensões em torno da noção de internacionalização.

Em 1995, a Organização Mundial do Comércio (OMC), a fim de eliminar barreiras ao comércio na área educacional, incluiu a educação superior no rol de serviços, compreendendo-a como uma mercadoria, combinando o acesso à universidade com lucratividade. (WTO, 1998).

Em um sentido contrário, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (Unesco) realizou, em 1998, em sua sede em Paris, a primeira Conferência Mundial de Ensino Superior (CMES), quando foi elaborada a Declaração Mundial sobre Educação superior no Século XXI: Visão e Ação, que reconhece a educação como um bem público e estabelece que a relação entre os países deve estar alicerçada no princípio da solidariedade, como mostra o item “b” do Artigo 15º:

b) Os princípios de cooperação internacional com base na solidariedade, no reconhecimento e apoio mútuo, na autêntica parceria que resulte, de modo equitativo, em benefício mútuo, e a importância de compartilhar conhecimentos teóricos e práticos em nível internacional devem guiar as relações entre instituições de educação superior em países desenvolvidos, em países em desenvolvimento, e devem beneficiar particularmente os países menos desenvolvidos. Deve-se ter em conta a necessidade de salvaguardar as capacidades institucionais em matéria de educação superior nas regiões em situações de conflito ou submetidas a desastres naturais. Por conseguinte, a dimensão internacional deve estar presente nos planos curriculares e nos processos de ensino e aprendizagem (Unesco, 1998. p.7).

Desde então, a Unesco tem reiterado em suas Conferências, ocorridas em 2009 e 2022, a educação superior como um bem público e um direito universal e a internacionalização sustentada em bases solidárias. Essas concepções de organismos internacionais orientam a elaboração de políticas públicas para a educação superior.

No caso brasileiro, a discussão sobre a internacionalização da educação superior ganhou maior evidência a partir da criação do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF)<sup>4</sup> em 2011 durante o governo da presidente Dilma Rousseff (2011-2016), que tinha como enfoque a mobilidade acadêmica, sobretudo para alunos de graduação.

Em 2017, durante o governo do presidente Michel Temer (2016-2018), caracterizado como ultraneoliberal, foi criado o Programa Institucional de Internacionalização das Universidades (PrInt), que ainda está em vigor nas universidades brasileiras, e envolve além da mobilidade acadêmica, o estímulo à formação de redes de pesquisa, sendo voltado exclusivamente para os cursos de pós-graduação.

Em 2019, durante o governo do presidente Bolsonaro (2019-2022), ainda sob uma conjuntura neoliberal, foi proposto pelo Ministério da Educação (MEC), o Programa

---

<sup>4</sup> O Programa CsF foi criado no primeiro mandato do Governo Dilma Rousseff (2011-2014), através do decreto nº 7642, de 13 de dezembro de 2011, com a finalidade de conceder 101 mil bolsas de estudos para alunos da graduação e da pós-graduação no exterior, a fim de impulsionar a internacionalização do ensino superior por meio da capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias (BRASIL, 2011). Entretanto, com a crise político-econômica, iniciada no segundo mandato do Governo Dilma Rousseff (2014-2016), que culminou com seu impeachment em 2016, afetou a continuidade do Programa. Após o impeachment, em um contexto de governo neoliberal do presidente interino Michel Temer (2016-2018), caracterizado pelo ajuste fiscal, as bolsas para a graduação foram suspensas e o Programa foi sendo paulatinamente suprimido até ser extinto em 2017.

Universidades e Institutos Empreendedores e Inovadores (Future-se), que tinha como um de seus eixos a internacionalização. Segundo Giolo, Leher e Sguissardi (2020), o Future-se constituiu-se em um ataque à autonomia das universidades e sua sujeição ao mercado.

Sobre esses programas, Garcia e Gussi (2011) argumentam que eles têm sido hegemonicamente norteados pela agenda neoliberal e baseados no modelo de cooperação Norte-Sul, pois tem como foco relações somente com países desenvolvidos, predominando o imperialismo e a hegemonia do conhecimento produzido nesses países, revelando uma concepção eurocentrada e colonialista de internacionalização.

Face a essa tensão que enseja a educação superior em disputa entre a mercantilização e o bem comum, este artigo, como se verá, visa compreender como gestores universitários, responsáveis por colocar essas políticas em prática, compreendem a internacionalização da educação superior.

## **2. Percurso Teórico-metodológico**

Este estudo fundamenta-se na perspectiva teórico-metodológica de construção de trajetórias institucionais proposta por Gussi (2008), que parte da ideia de que uma política está sujeita a ressignificações, seguindo distintos posicionamentos nos vários espaços que percorre, ou seja, sofre transformação de sentidos pelos agentes institucionais envolvidos com essas políticas.

A ideia de trajetória institucional decorre da noção de trajetória de Bourdieu (2006, p. 189), em seu ensaio “A Ilusão Biográfica”, que compreende trajetória como “uma série de

posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes”. Isto é, a vida não segue uma ordem lógica, mas se desloca no espaço social e está vinculada a distintos agentes sociais. Desse modo, Gussi (2008) propõe pensar uma trajetória institucional como Bourdieu pensa a trajetória de uma vida, não apresentando um só trajeto, um percurso orientado, um deslocamento linear.

Metodologicamente, para conhecer as trajetórias institucionais da internacionalização na UFC, foi realizada uma pesquisa qualitativa, o que permitiu maior apreensão das experiências dos gestores e os significados atribuídos a eles à internacionalização da Universidade, uma vez que “atua levando em conta a compreensão, a inteligibilidade dos fenômenos sociais e o significado e a intencionalidade que lhe atribuem os atores” (Minayo, 2005, p. 82).

Para coleta de dados, foram realizadas análise de documentos institucionais como estatuto, resoluções, plano de internacionalização da UFC, dentre outros. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas abrangendo tanto os gestores da administração superior da UFC (Reitores, Pró-Reitores de Graduação, Coordenador de Assuntos Internacionais), quanto os coordenadores de cursos, responsáveis pela operacionalização dessas políticas e relacionamento com os alunos participantes com a finalidade de conhecer como esses gestores compreendem a internacionalização.

Para tanto, foi realizado um recorte temporal de 2012 a 2017, considerando o início da implementação do Programa CsF na UFC até o momento em que foi criada a Pró-Reitoria de

Relações Internacionais na UFC5. Dessa forma, buscando abranger as gestões desse período, foram entrevistados 17 gestores universitários<sup>6</sup>, contemplando diferentes níveis de hierarquia e distintas áreas acadêmicas, como o Centro de Ciências, Centro de Tecnologia, Centro de Humanidades e Instituto de Cultura e Arte<sup>7</sup>.

As narrativas possibilitaram compreender as concepções de internacionalização dos atores institucionais e as diferentes apreensões dos gestores envolvidos nesse processo, pois esses referenciais impactam na prática de internacionalização que se realiza na universidade, como se verá na próxima seção.

### **3. Resultados e Discussão**

#### **3.1 A institucionalização da internacionalização na Universidade Federal do Ceará**

A Universidade Federal do Ceará (UFC) é uma universidade pública, gratuita, localizada na região nordeste do Brasil, criada em 1954, que tem como missão:

formar profissionais da mais alta qualificação, gerar e difundir conhecimentos, preservar e divulgar os valores éticos, científicos, artísticos e culturais, constituindo-se em instituição estratégica para o desenvolvimento do Ceará, do Nordeste e do Brasil. (UFC, 2024).

Atualmente, a UFC é composta por três campi localizados na capital, a cidade de Fortaleza, os quais são compostos por quatro Centros, cinco Faculdades e quatro

---

<sup>5</sup> A escolha do recorte temporal se justifica porque a implementação do CsF impulsionou a internacionalização na UFC, ensejando o desenvolvimento de outras ações e transformações nas estruturas institucionais, como discutido na seção 2.2.

<sup>6</sup> Os gestores foram identificados por suas funções, sendo que diferentes períodos de gestões foram identificados por meio dos números 1 e 2, por exemplo Reitor 1 e Reitor 2.

<sup>7</sup> Não foi possível entrevistar o Pró-Reitor de Relações Internacionais, pois não se disponibilizou a conceder entrevista.

Institutos. Além de cinco campi no interior do estado do Ceará. (UFC, 2023)<sup>8</sup>. Desde sua fundação, a UFC tem como lema “o Universal pelo Regional”, definido por seu fundador, Prof. Antônio Martins Filho. (UFC, 2024).

Tal lema ganha novo significado em um contexto em que há um aumento nas discussões em torno da internacionalização na universidade, pois, segundo o plano de internacionalização da UFC, para atingir padrões internacionais, a UFC precisa fomentar suas contribuições e buscar parcerias internacionais para desenvolver novos potenciais regionais, gerando conhecimento e soluções para os problemas do Estado (UFC, 2017).

Em relação às condições estruturais da UFC, inicialmente, em 1957, foi criada na UFC uma Divisão de Intercâmbio e Expansão Cultural, vinculada ao Departamento de Educação e Cultura. Em 1974, essa unidade tornou-se uma Comissão de Assuntos Internacionais, evoluindo posteriormente para Departamento de Assuntos Internacionais (DAI) e de departamento para coordenadoria em 1987, a Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI).

A CAI permaneceu como coordenadoria por 30 anos. Durante esse período, a internacionalização da UFC era restrita à realização de alguns convênios e alguns programas de mobilidade, como relata o então coordenador de assuntos internacionais, que geriu a Coordenadoria de novembro de 2012 a outubro de 2015.

---

<sup>8</sup> Conforme seu Estatuto, a UFC é composta por: Centro de Ciências; Centro de Humanidades; Centro de Tecnologia; Centro de Ciências Agrárias; Faculdade de Medicina; Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem; Faculdade de Direito; Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade; Faculdade de Educação; Campus de Sobral; Campus de Quixadá; Instituto de Ciências do Mar (LABOMAR); Instituto de Cultura e Arte (ICA); Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES); Instituto Universidade Virtual – UFC Virtual; Campus de Russas; Campus de Crateús; Campus de Itapajé. (UFC, 2023).

O nosso trabalho lá na Coordenadoria, antes do Ciência sem Fronteiras, era o que normalmente acontecia, ou seja, a gente tinha aquela questão dos programas de intercâmbio, alunos estrangeiros que vinham para a UFC, mas também alunos nossos que saíam para algum intercâmbio fora, em alguma universidade estrangeira. Não era um número muito grande de alunos que saíam daqui pra lá, também não era o número muito grande... Quando eu digo um número muito grande, ou seja, não chegava a 100 alunos que iam e 100 alunos que vinham. (...) Além dessa questão da mobilidade estudantil tanto estrangeira, quanto nossa no estrangeiro, era também a questão dos convênios que a UFC assinava, celebrava com universidades estrangeiras. Isso sempre foi bastante movimentado (...). Então, esses dois trabalhos principais eram ainda acrescidos de um terceiro, de uma mobilidade muito específica chamada PEC-G, Programa de Estudantes-Convênio de Graduação. (Coordenador de Assuntos Internacionais).

Entretanto, com a implementação do Programa CsF na UFC a partir de 2012, durante o reitorado do Prof. Jesualdo Pereira Farias (2008-2015), cuja gestão priorizou a expansão e interiorização da UFC, as ações da CAI voltaram-se para as ações do Programa. E mesmo com o aumento na demanda de trabalho e com visibilidade que a UFC ganhou pelos destaques no CsF<sup>9</sup>, a CAI não sofreu mudanças estruturais nesse período.

---

<sup>9</sup> A UFC foi uma das 10 universidades brasileiras que mais enviaram alunos ao Programa. Os dados do painel de controle informam que, no caso específico do Ceará, a UFC foi a instituição que mais concedeu bolsas, totalizando 2.123, sendo 87% destinadas a alunos da graduação. Em segundo lugar, vem a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), com 384 bolsas e em seguida a Universidade Estadual do Ceará (UECE), com 206 bolsas concedidas (Brasil, 2018).

Em 2017, no reitorado do Prof. Henry de Holanda Campos (2015-2019), cuja gestão foi marcada por ações na área de internacionalização em decorrência de sua ampla experiência internacional, a CAI foi transformada em Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER).

Nesse período, internacionalização era considerada prioritária pela Reitoria, que desenvolveu ações que marcam a institucionalização da internacionalização da UFC, a exemplo da assinatura do convênio para implantação do Instituto Confúcio em agosto de 2016, com o objetivo de promover o ensino da língua e cultura chinesas; a elaboração do Plano de Internacionalização da UFC<sup>10</sup>; a criação do Comitê de Internacionalização da UFC (COMINTER), com a missão específica de assessorar a Reitoria e a Pró-Reitoria de Relações Internacionais, no acompanhamento e aprimoramento da política e da gestão institucionais de internacionalização da universidade (UFC, 2017). Além da intensa divulgação dos destaques da UFC em *rankings* internacionais, como cita o próprio reitor:

Então, em termos de internacionalização eu acho que essencialmente é isso aí. Foi isso que realmente a gente colocou muita ênfase. Eu criei a Pró-Reitoria de Relações Internacionais que eu acho que todas as grandes universidades, elas têm o equivalente a uma Pró-Reitoria destinada às relações internacionais, aonde a gente pôde desenvolver muito bem várias ações, acolher melhor os nossos estudantes estrangeiros, preparar melhores nossos estudantes para sair, preparar melhor também a nossa estrutura de ofertas de línguas, disponibilizar serviços de tradução para artigos científicos para os nossos

---

<sup>10</sup> O Plano de Internacionalização da UFC foi elaborado como critério para participação no Programa de Internacionalização (PrInt), criado no Governo Temer (2016-2018).

professores para a língua inglesa, inicialmente. E também aumentamos muito convênios, o número de convênios na universidade. Fomos uma das universidades vencedoras do PrIntT, que foi o projeto de internacionalização desenvolvido pela CAPES, que era muito competitivo e nós fomos selecionados na primeira rodada (Reitor 2).

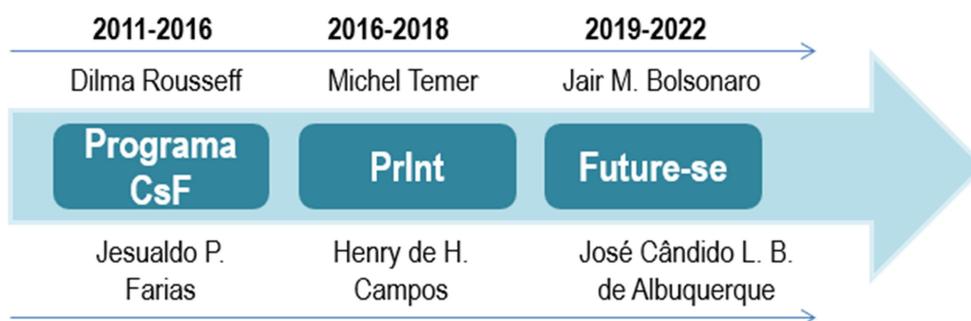
Ainda sobre as transformações desse setor de relações internacionais na UFC, já em 2020, a partir da gestão do reitor José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque (2019-2023), a Pró-Reitoria de Relações Internacionais agregou a função de desenvolvimento institucional, passando a se chamar “Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional”, conforme Provimento nº01/CONSUNI, de 07 de fevereiro de 2020. (UFC, 2020).

A adesão dessa nova função, em seus termos, acrescenta novas atribuições à PROINTER, tais quais: a) de institucionalizar as atividades de empreendedorismo; b) de prospectar e implementar a inovação; c) de buscar parcerias para a inovação social e tecnológica, em estreita parceria com a agência de inovação; d) de direcionar ações para o desenvolvimento da Instituição baseado nos eixos da Internacionalização, do Empreendedorismo e da Inovação. Essas atribuições estão alinhadas ao Programa Universidades e Institutos Empreendedores e Inovadores - Future-se, do Governo Bolsonaro, lançado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2019, mas cujo Projeto de Lei nº 3076/2020 findou sem análise pela Câmara dos Deputados.

A partir desse breve histórico sobre a institucionalização da internacionalização na universidade, percebe-se o espaço de disputas (Bourdieu, 2004) que as ideias e práticas em torno da internacionalização da UFC estão inseridas. Observa-se que as políticas de

internacionalização vão assumindo novos sentidos e trajetórias à medida que vão mudando os contextos e os gestores, como mostra a figura 1:

Figura 1 – Trajetórias da Institucionalização da Internacionalização na UFC



Fonte: Elaboração própria (2020).

Observa-se que a internacionalização vai adquirindo contornos mercadológicos, com vistas a atender à lógica do mercado, submetendo a universidade à prestadora de serviços universitários. É a chamada crise institucional, de Souza Santos (2011, p. 16), ocasionada pela “perda de prioridade do bem público universitário nas políticas públicas e pela consequente secagem financeira e descapitalização das universidades públicas”.

Considerando esse processo de instituição da política de internacionalização que reproduz concepções e ideias contraditórias acerca do tema, faz-se necessário compreender como gestores de distintas áreas acadêmicas e níveis hierárquicos compreendem a internacionalização e percebem esse processo na Universidade, como veremos na próxima seção.

### **3.2. Concepções de Internacionalização e Percepção sobre a Internacionalização da UFC**

Este artigo, como vimos, parte do pressuposto de que, analiticamente, há duas concepções distintas que envolvem a internacionalização do ensino superior: uma solidária, definida pela Unesco, voltada para a cooperação mútua entre as universidades; e outra com viés mercadológico, sujeita às leis do mercado, conforme estabelecido pela OMC.

Nesse embate de projetos de internacionalização distintos, apreender o que pensam os gestores acerca da internacionalização das universidades e como conduzem esse processo é fundamental para se construir as trajetórias institucionais da internacionalização.

Quando perguntados sobre o lugar que a internacionalização ocupa na educação superior, a maioria apresentou a ideia de que a internacionalização consiste em um movimento de enriquecimento cultural, de novos aprendizados, e de fortalecimento de parcerias, o que coaduna com a concepção da Unesco que tem como princípio a solidariedade, como vemos na narrativa do reitor 1:

Conhecer e conviver com outras culturas, aprender idiomas e fortalecer laços institucionais são objetivos centrais do processo de internacionalização. Além disso, a internacionalização por meio da pesquisa e pós-graduação tem ajudado a fomentar a mobilidade de docentes e pesquisadores de universidades de todos os continentes (Reitor 1).

Para o pró-reitor de graduação 1, o princípio da solidariedade é crucial para uma compreensão melhor de questões globais e do papel de uma direção democrática e de recursos

humanos qualificados para a solução de tais questões, além da necessidade de se conviver com culturas e valores diferentes. (UNESCO, 1998). Para o pró-reitor, internacionalizar é:

ser capaz de dialogar com o mundo nas diversas áreas do saber ciência, arte, tecnologia... A gente ser capaz de ir para um congresso internacional, ter os trabalhos aceitos de forma simétrica, sem grandes distâncias, fazer parcerias, trabalhar juntos em pesquisas, resolver problemas postos para ciência resolver, para tecnologia, resolver em conjunto porque aí a gente vai dar uma resposta de fato que resolve problema porque os nossos problemas hoje são problemas mundiais os nossos problemas não são problemas simplesmente nacionais. E se você vê na área de saúde, você vê na área da sociologia, por exemplo, droga, ou na psicologia, violência, tráfico internacional. O tráfico não é um problema que se resolve nacionalmente. Então, tem alguns problemas que têm uma natureza internacional, então a solução para ele também. Então, a gente deve ser capaz de dialogar com parceiros internacionais. Então não é uma coisa meramente simbólica... não quero diminuir aí a palavra simbólica... ou não é diletantismo, fazer internacionalização, é necessidade. Os produtos são internacionais que a gente consome, os problemas são internacionais cada vez mais, eles extrapolam fronteiras. O turismo internacional crescente favorece intercâmbios de tudo, inclusive de doenças. Então é preciso que a gente tenha parceiros para dialogar. E aí a universidade como é uma instituição de ponta que deve se adiantar, deve estar à frente, ela deve também estar à frente do processo de internacionalização (Pró-Reitor de Graduação 1).

Os coordenadores de curso também apresentaram a mesma compreensão proposta pela Unesco, exceto um coordenador do curso de Engenharia de Produção Mecânica que apresentou uma concepção de internacionalização mais alinhada com a visão da OMC, que coloca a educação como um serviço, aproximando-a dos princípios de economia e produtividade, alinhado aos princípios do mercado:

Olha, assim, a internacionalização é importantíssima tanto para a universidade, quanto para as empresas. A gente vive em um mundo global, a gente precisa ter pessoas com fluência em inglês e que tenham tido experiência... e que não tenha medo, que meta as caras mesmo e resolva o problema das empresas. Hoje com o Pecém aqui no Ceará, a gente observa que tem empresas exportadoras e importadoras de produtos que a gente precisa de profissionais assim e a engenharia de produção tá nessa interface aí. Então, a gente precisa de alunos assim. Na universidade, nem se fala, hoje tudo que a gente lê é em inglês, a gente recebe gente de fora, a gente vai para fora, a gente publica em todas as línguas, em inglês, português... Então, a gente precisa também de línguas para academia, então essa parte de vivência e de línguas é necessária. Então a internacionalização, ela é fundamental para a gente crescer, é um negócio que não tem volta. A gente precisa, a gente vive em um mundo global. Não vejo nenhuma outra medida a não ser investir nela, tem que investir. (Coordenador do Curso de Engenharia de Produção Mecânica).

Essa visão da formação voltada para atender o desenvolvimento das empresas reduz o cidadão à condição de capital ou de recurso humano e minimiza a responsabilidade social da universidade.

Quando questionados sobre como veem a internacionalização da UFC, os gestores, principalmente da Administração Superior, reconhecem que houve um salto significativo e citam a criação da Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER) mencionam a importância dos *rankings* internacionais, como mostram os relatos abaixo:

A política de internacionalização da UFC avançou e alcançou o seu ponto máximo com a criação da Pró-Reitoria de Relações Internacionais. Um dos indicadores do sucesso da política de internacionalização da UFC é o fato dela estar presente, entre as 1000 melhores universidades do mundo, em todos os rankings internacionais. Ressalta-se que o Brasil sempre está representado nestes rankings com algo em torno de 18 a 20 universidades (Reitor 1).

Em termos de internacionalização eu acho que essencialmente é isso aí. Foi isso que realmente a gente colocou muita ênfase. Eu criei a Pró-Reitoria de relações internacionais que eu acho que todas as grandes universidades, elas têm o equivalente a uma Pró-Reitoria destinada às relações internacionais, aonde a gente pôde desenvolver muito bem várias ações, acolher melhor os nossos estudantes estrangeiros, preparar melhores nossos estudantes para sair, preparar melhor também a nossa estrutura de ofertas de línguas, disponibilizar serviços de tradução para artigos científicos para os nossos professores para a língua inglesa, inicialmente. E também aumentamos

muito convênios, o número de convênios na universidade. Fomos uma das universidades vencedoras do PRINT, que foi o projeto de internacionalização desenvolvido pela CAPES, que era muito competitivo e nós fomos selecionados na primeira rodada (Reitor 2).

Eu acho que a internacionalização realmente mudou um pouco Universidade. Ela se tornou um tema presente na agenda da Universidade, tanto é que posteriormente a gente teve a transformação da CAI em Pró-Reitoria. E, se eu não me engano, já tinha até encerrado o Ciência sem Fronteiras, né? Mas eu acho que foi importante para tornar essa agenda da internacionalização algo importante para UFC. (Pró-Reitor de Graduação 2).

Quando você vai olhar *rankings* sérios e se a UFC está em um nível elevado é porque tudo que está relacionado a ela estão em patamares elevados. Então eu acredito que a internacionalização seja um desses pontos. É a credibilidade, é a credibilidade das pessoas que estão aqui, dos trabalhos que são desenvolvidos, dos resultados desses trabalhos. Então eu acho que se isso não existisse, não teria credibilidade. Então eu acho que a internacionalização da UFC se dá pelos trabalhos sérios que são desenvolvidos aqui em todas as áreas (Coordenadora do Curso de Design e Moda).

O coordenador de assuntos internacionais reconhece que o grau de internacionalização da UFC foi mais acentuado durante a implementação do Programa Ciência sem Fronteiras, no período de 2012 a 2016, quando ele coordenou a CAI em decorrência da maior visibilidade que a UFC teve naquele período por sua posição no Programa.

eu, na verdade, com todas as minhas críticas que eu faço ao programa, eu sou muito grato

que tenha havido um programa em todos os sentidos. Primeiro, pelos alunos, pelas experiências individuais, as experiências para a Universidade, mesmo não tendo sido aquelas que eu tanto tenho desejado, de tantos convênios, de realmente amizade duradoura entre as instituições, mas a possibilidade que nós tivemos nos assuntos internacionais de deixarmos a universidade mais conhecida. E isso eu notei quando cheguei dessas viagens, ou então quando em viagens aqui no Brasil em contato com uma pessoa da Nova Zelândia, com uma pessoa da Austrália, que vinha conversava “a gente tem um aluno de vocês lá da UFC”. Então, a gente via que ele já tinha ido pesquisar alguma coisa (Coordenador de Assuntos Internacionais).

Para alguns gestores, a internacionalização precisa se desenvolver, pois ainda consiste em uma via de mão única, isto é, nós enviamos muito, mas recebemos poucos estrangeiros, como mostram os relatos a seguir:

Ainda está muito mão única, tá certo? Ou seja, as principais experiências, as mais importantes, as que mais respondem como experiências internacional nossa na UFC é a ida nossa de professores, principalmente de professores, e dos estudantes de pós-graduação, fazendo os chamados programas sanduíches no exterior. Nós temos ainda muito pouco o retorno. Se você for pesquisar quantos estudantes da América do Norte, da Europa nós temos na UFC? Pouquíssimos. O que a gente tem mais é que quando o programa institucional, por exemplo, o programa do Itamaraty, o PEC-G, o PEC-PG, que é com os países africanos, aí nós temos, porque é um programa institucional, feito pelo

Itamaraty e tal. Mas a nossa estrutura é muito ainda incipiente, é muito frágil para receber enquanto universidades do exterior você tem toda uma estrutura, uma logística para receber. O aluno, o professor têm todo um ambiente, tem hospedagem... Aqui nós não temos. Aqui nós não temos nem para os nossos. Então assim eu diria que é uma internacionalização ainda em mão única, não está em mão dupla e ainda vai demorar muito para que a gente consiga mandar e receber da mesma forma, de forma simétrica (Pró-Reitor de Graduação 1).

Eu posso ser um pouco mais crítico? Realmente, é importante, mas resumindo em uma palavra nossa a internacionalização da UFC, que já cresceu muito nos últimos anos, mas eu acho que ainda é muito acanhada. O meu mestrado foi na PUC do Rio em 87 e lá eu me sentia muito mais internacional, tendo aula no mestrado em inglês, por exemplo, como uma professora da Jamaica, vendo o criador da linguagem Pascal, já que era informática, né, um professor conhecidíssimo, famosíssimo de uma universidade da Suíça, ele tava lá, dando palestra para gente. Então, você via isso. Tinha alunas, que eram colegas de classe, que era uma americana, sentada do lado da gente. Então esses poucos três exemplos que eu citei, dá para notar que é diferente daqui. Me diga alunos de outros países que estão em nossa sala de aula? Tem, eu já tive uma aluna da Guiné-Bissau, mas você conta no dedo. Professores visitantes que ficam aqui um ano com a gente? Pelo menos no nosso curso... teve um da França, mas é muito pouco. Contatos nossos com pesquisadores brasileiros indo pra fora, outros voltando para cá? (Coordenador do Curso

de Jornalismo).

No tocante à internacionalização da UFC, a percepção entre os gestores varia. As representações de internacionalização dos gestores da administração superior são atribuídas às condições institucionais, quando citam a estrutura física e os *rankings*. Enquanto a maioria dos coordenadores de curso entendem a internacionalização como uma troca, como “via de mão dupla”

Todos esses relatos contribuem para que a Universidade repense seu processo de internacionalização não somente com base em número e percentuais, como é estabelecido pelo Ministério da Educação do Brasil, mas com base nas transformações que essas ações trouxeram para os cursos, para a sala de aula, para a comunidade acadêmica e para a sociedade, pois a universidade, como afirma Severino (2007, p. 22), deve “levar o aluno a entender sua inserção não só em sua sociedade concreta, mas também no seio da própria humanidade”, contribuindo para o aprimoramento da vida humana em sociedade.

Ainda sobre o lugar da internacionalização nas universidades, foi possível observar nas falas que eles relacionam a internacionalização com a globalização ao entender que a internacionalização busca tornar a educação superior mais respondente às exigências e desafios da globalização.

Nas palavras do coordenador do curso de publicidade “é essencial essa internacionalização, sim. Vivemos em um mundo globalizado, então, não tem por que ficarmos só aqui.” Da mesma forma, para o coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo:

Eu acho que hoje realmente não tem como você pensar em uma formação que não considere a escala internacional porque a economia é global, as pessoas concorrem em um nível global. Então, um aluno que é formado aqui pode sair e, porventura, alguém bem formado lá pode, em uma crise lá, vir aqui e tomar a nossa vaga (Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo).

De fato, em tempos de globalização, não há mais fronteiras físicas, geográficas que impeçam o desenvolvimento científico. No entanto, há de se ter um cuidado para que nessa sociedade globalizada o desenvolvimento não fortaleça a lógica capitalista da globalização (Knight, 2003).

Foi possível identificar em alguns discursos a naturalização da concepção mercadológica de educação, conforme proposto pela OMC, que coloca a educação superior como um serviço educacional, como se vê na fala do Coordenador de Engenharia de Produção Mecânica 1:

A gente tem que botar os alunos para trabalhar nas empresas, fazendo projeto nas empresas. Então, a educação não está separada hoje das empresas, principalmente, no sentido que é o ambiente que eu trabalho: engenharia, né? Engenharia é a prática de resolver problemas. Não existe engenharia só em laboratório, não. Os laboratórios nossos é para ser firmado e financiado pela iniciativa privada hoje e pra dar retorno para a iniciativa privada, para a sociedade, para a gente, para os alunos (Coordenador de Engenharia de Produção Mecânica).

Essa ideia de formação voltada para o mercado de trabalho do coordenador de Engenharia de Produção Mecânica contrapõe-se à perspectiva do coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo para quem:

De algum modo, a gente reforça esse caráter, que já é um traço do nosso curso, né?

Assim, a gente nunca teve uma visão muito restrita da formação para o mercado ou para atividade nesses limites tais. A gente sempre pensou em uma formação aberta, com embasamento, e tá aí o curso de mestrado, de especialização. Então assim no contexto da UFC, a gente de fato pensa assim (Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo).

Observa-se que dentro de um mesmo Centro, que é o Centro de Tecnologia, há percepções distintas acerca da formação.

A análise dos discursos dos gestores aponta para uma dualidade de ideias em torno da internacionalização. Observou-se que predomina em suas narrativas a concepção de solidariedade entre as instituições, reafirmando a educação como um bem social. Entretanto, houve interpretações, como a de um coordenador do curso de engenharia, que naturalizou a internacionalização como serviço educacional, aproximando-se da visão da OMC.

A partir da análise dessas narrativas, encontram-se interpretações variadas entre os atores institucionais, especialmente ao descer na hierarquia institucional, apontando para distintas trajetórias da internacionalização na UFC (GUSSI, 2008), como mostra o quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Síntese sobre a concepção de gestores sobre a internacionalização da educação superior

Gestores Universitários	Concepção de Internacionalização	Percepção sobre a Internacionalização da UFC
Administração Superior (reitores, pró-reitores de graduação e coordenador de assuntos internacionais)	-Apresentam a mesma concepção de internacionalização definida pela UNESCO, voltada para a cooperação mútua e a solidariedade entre as instituições.	-Atribuem o destaque da internacionalização no período de 2012 a 2016 à mobilidade pelo CsF; -Avaliam a internacionalização da UFC com base no destaque da Universidade nos <i>rankings</i> internacionais e na criação da Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER).
Coordenadores de cursos	-A maioria apresenta a mesma concepção de internacionalização definida pela UNESCO, voltada para a cooperação mútua e a solidariedade entre as instituições; -Um coordenador do curso de Engenharia de Produção Mecânica apresentou a concepção de internacionalização definida pela OMC, voltada para serviço educacional.	-A maioria acredita que a internacionalização da UFC ainda precisa se desenvolver; -Ainda consiste em uma via de mão única em que só envia alunos (mobilidade passiva) e recebe poucos alunos estrangeiros (mobilidade ativa); -Dificuldades com línguas estrangeiras são um empecilho à internacionalização da UFC.

Fonte: Elaboração própria (2020).

Observa-se que os gestores da Administração Superior apresentam a mesma concepção da Unesco, de uma internacionalização pautada nos princípios da solidariedade e da troca de conhecimento entre as universidades. Entre os coordenadores de curso, também se observou a mesma concepção de internacionalização próxima à da Unesco, com exceção de um coordenador do curso de Engenharia de Produção Mecânica, que coaduna com a concepção da OMC, de uma internacionalização voltada para atender as demandas do mercado.

Sobre a internacionalização da UFC, os reitores e o pró-reitor de graduação 2 avaliam a internacionalização da UFC com base nos destaques nos *rankings* e na criação da Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER); o coordenador de assuntos internacionais atribui o

destaque da internacionalização à elevação da mobilidade obtida com a implementação do Programa CsF na UFC; já o pró-reitor de graduação 1, embora reconheça que a internacionalização da UFC foi crescente nos últimos anos, acredita que ainda é um processo tímido, em uma via de mão única, pois a UFC envia muitos alunos, mas ainda recebe poucos alunos estrangeiros; os coordenadores de curso, por sua vez, corroboram com essa mesma percepção.

Observamos, portanto, que a internacionalização da UFC, nesse contexto específico, assume distintas trajetórias, oscilando entre as várias concepções. Isso ocorre porque a UFC não é uma instituição unívoca e homogênea, mas sim uma instituição diversa, constituída por um sistema de crenças variados, que coexistem e podem ser ativados em diferentes situações sociais. (Van Velsen, 1987).

#### **4. Considerações Finais**

Neste artigo, apresentamos como gestores de uma universidade pública, localizada no nordeste do Brasil, a Universidade Federal do Ceará, compreendem a internacionalização da educação superior e percebem o processo de internacionalização da Universidade.

Para tanto, apresentamos uma discussão teórica sobre a dualidade de ideias que circunscreve o tema da internacionalização das universidades, com enfoque na concepção de organismos internacionais como a Unesco, que desde 1998, tem reafirmado, em seus manifestos, a educação superior como um bem público e um direito universal, fundamentando a internacionalização em princípios de solidariedade e apoio mútuo entres as instituições (Unesco,

1998); e como a OMC, que em 1995, incluiu a educação superior no rol de serviços, compreendendo-a como uma mercadoria, sujeita à comercialização (World Trade Organization, 1995).

Além disso, buscando ampliar a compreensão sobre o *locus* institucional de realização da pesquisa, relatamos como se deu o processo de institucionalização da política de internacionalização da Universidade, intensificada a partir da implementação do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), uma política criada pelo governo federal brasileiro em 2011 com a finalidade de impulsionar a internacionalização das universidades brasileiras.

A partir da análise dos documentos, foi possível identificar que esse processo de institucionalização foi modificando os sentidos de internacionalização no âmbito da Administração Superior da Universidade, a quem compete planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar as atividades de administração em geral, inclusive a institucionalização de políticas na Universidade.

Contudo, a análise dos discursos dos gestores aponta para distintas representações em torno da internacionalização. Observa-se que predomina em suas narrativas a concepção de solidariedade entre as instituições, reafirmando a educação como um bem social. Entretanto, encontram-se interpretações divergentes, como a de um coordenador do curso de engenharia, cujo discurso aponta para a internacionalização como serviço educacional, aproximando-se da visão da OMC.

Desse modo, compreende-se que a internacionalização da educação superior constitui-se em um campo suscetível a contradições e disputas de sentidos constituídas em um espaço e tempo específico, uma vez que, embora existam intencionalidades que orientam as políticas de internacionalização, sejam elas dirigidas pelo Estado ou por organismos internacionais ou até mesmo por atores institucionais, há no campo acadêmico, outros atores que, movidos por culturas, histórias, personalidades e outras contingências de contexto, afetam o percurso dessas políticas na instituição, sendo necessário analisar novas trajetórias da política de internacionalização, sobretudo na atual conjuntura política brasileira, a ser delineada durante o novo governo Lula (2023-2027) e como isso vai impactar na UFC.

## Referências

Abba, M. J. (2018). Límites y potencialidades para el desarrollo de una internacionalización de la educación superior necesaria: estudio de caso de la UNILA (Brasil) y la ELAM (Cuba). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

<https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7062>.

Altbach, P. G. (2004). *Globalization and the University: Myths and Realities in an Unequal World*. Tertiary Education and Management.

Barbosa, M. L. O., Neves, C. E. B. (2020). Internacionalização da educação superior: instituições e diplomacia do conhecimento. *Sociologias* [online]. 2020, v. 22, n. 54, pp. 22-44.

<https://doi.org/10.1590/15174522-104425>.

Bourdieu, P. (2006). A ilusão biográfica. *Usos e abusos da história oral*. Editora FGV.

Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Editora UNESP.

Brasil. (2011). *Decreto nº 7642, de 13 de dezembro de 2011*. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm).

Brasil. (2018). *Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras*. Recuperado em 09, outubro, 2022, de <http://csf-adm.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>.

De Wit, H. (2013). Repensando o conceito da internacionalização. Universidade de Campinas. Recuperado em 20, abril, 2022, de

<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/repensando-o-conceito-da-internacionalizacao>

De Wit, H. (2015). *Internationalisation of higher education*. European Union.

Garcia, M. M. M. (2020). Trajetórias da Internacionalização da Universidade Pública: avaliação do Programa Ciências sem Fronteiras à luz da experiência da Universidade Federal do Ceará. Universidade Federal do Ceará. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51304>.

Garcia, M. M. M., Gussi, A. F. (2021). Hegemonias e Disputas da Internacionalização da Universidade sob a Égide do Neoliberalismo: olhares sobre as políticas de internacionalização da educação superior no Brasil (2011 a 2021). *Anais da X Jornada Internacional de Políticas Públicas*.

[https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho\\_submissaoId\\_764\\_764611d3fe5375d2.pdf](https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_764_764611d3fe5375d2.pdf).

Giolo, J., Leher, R., Sguissardi, V. (2020). *Future-se: ataque à autonomia das instituições federais de educação superior e sua sujeição ao mercado*. Diagrama Editorial.

Gussi, A. F. (2008). Apontamentos teóricos e metodológicos para a avaliação de programas de microcrédito. *AVAL: Revista Avaliação de Políticas Públicas*.

<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/22513>.

Hudzik, J. (2011). *Comprehensive Internationalization: from Concept to Action*. Washington: NAFSA Association of International Educators.

Knight, J. (2004). Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. *Journal of Studies in International Education*.

Korsunsky, L. (2019). *Internacionalización e integración regional: Percepciones, concepciones y prácticas en las universidades*. Neuquén.

Leal, F. G. (2020). As bases epistemológicas dos discursos dominantes de 'internacionalização da educação superior' no Brasil. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Leite, D., Genro, M. E. H. (2012). Avaliação e internacionalização da educação superior: Quo vadis América Latina? *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*. Recuperado em 20, maio, 2024, de <https://www.scielo.br/j/aval/a/ccHKjgXTrG7cp75QVdRC7sz/abstract/?lang=pt>

Minayo, M. C. de S. (2005). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Fiocruz.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). *Declaração Mundial sobre Educação superior no Século XXI: visão e ação*, Paris, 1998. Recuperado em 05, dezembro, 2018, de <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html>.

Perrota, D. (2016). La internacionalización de la Universidad. Debates globales, acciones regionales. Buenos Aires: IEC –CONADU. Universidad Nacional General Sarmiento.

Santos, F. S., Almeida Filho, N. de. (2012). *A quarta missão da Universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*. Editora Universidade de Brasília.

Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez.

Sousa Santos, B. (2011). *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. Cortez.

Universidade Federal do Ceará (UFC). *Estatuto da UFC*. 2023. Recuperado em 20, maio, 2024, de <https://www.ufc.br/a-universidade/documentos-oficiais/327-estatuto-da-ufc>.

Universidade Federal do Ceará (UFC). *Lema, Missão, Visão e Compromisso*. 2024. Recuperado em 20, maio, 2024, de <https://www.ufc.br/a-universidade/conheca-a-ufc/60-lema-missao-visao-e-compromisso>.

Universidade Federal do Ceará (UFC). *Provimento nº01/CONSUNI*, de 07 de fevereiro de 2020. Recuperado em 14, outubro, 2022, de [https://www.ufc.br/images/\\_files/a\\_universidade/consuni/provimento\\_consuni\\_2020/provimento\\_01\\_consuni\\_2020.pdf](https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/provimento_consuni_2020/provimento_01_consuni_2020.pdf).

Universidade Federal do Ceará (UFC). *Plano de Internacionalização da Universidade Federal do Ceará*. 2017. Recuperado em 21, junho, 2018, de [http://www.ufc.br/images/\\_files/a\\_universidade/plano-internacionalizacao-ufc/plano-internacionalizacao-ufc.pdf](http://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/plano-internacionalizacao-ufc/plano-internacionalizacao-ufc.pdf).

Universidade Federal do Ceará (UFC). *Resolução n° 46/CONSUNI*, de 11 de setembro de 2017, que cria o Comitê de Internacionalização da UFC. Recuperado em 08, abril, 2021, de [http://www.ufc.br/images/\\_files/a\\_universidade/consuni/resolucao\\_consuni\\_2017/resolucao46\\_consuni\\_2017.pdf](http://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/consuni/resolucao_consuni_2017/resolucao46_consuni_2017.pdf).

Van Velsen, J. (1987). A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. *A Antropologia das sociedades contemporânea*. Global.

World Trade Organization (WTO). Education Service. Nota documental de la secretaria, 1998. Recuperado em 05, dezembro, 2018, de [https://www.wto.org/english/res\\_e/booksp\\_e/anrep\\_e/anre98\\_e.pdf](https://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/anrep_e/anre98_e.pdf)